



PROFESSORAS DE ARTE: ENSAIOS SOBRE TRÊS FOTOGRAFIAS

Profa. Dra. Maria Cristina Alves dos Santos Pessi
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Resumo:

O texto apresenta ensaios sobre três fotografias onde professoras de artes visuais oferecem imagens para seus alunos apreciarem. Quais imagens professores de arte selecionam para apresentar aos seus alunos? Esta pergunta desdobra-se em muitas outras perguntas, busca as imagens usadas por professores de arte e toma a própria imagem como substância e objeto de pesquisa. As imagens fotográficas produzidas na pesquisa de campo são consideradas textos visuais e, portanto, igualmente fonte de dados. Foram apreciadas segundo os conceitos *studium* e *punctum* de Roland Barthes e segundo os critérios de avaliação da proposta *Arts-Based Educational Research* de Elliot Eisner. As imagens apresentadas propiciam reflexões sobre problemáticas evidenciadas no cotidiano escolar.

Palavras-chave: ensino de artes visuais; imagens; professores de arte.

Vou direto ao ponto que me atinge pela própria fotografia, o que me punge: a boca da professora, aberta, enuncia, fala com energia. No olhar sobre o todo da imagem a informação que se tem é que é uma sala de aula. Textos escritos no quadro e no cartaz atrás da professora. Vejo também, para minha surpresa, um “quadro de pregas” vazio. O “quadro de pregas” é uma tecnologia educacional criada por professores e utilizada nas décadas de 60 e 70, assim como o “álbum seriado”, “flanelógrafo”, e outros instrumentos para suporte de ilustrações, cartões e outros materiais didáticos.

A professora tem a mão direita levantada na altura da cabeça, em sua mão uma reprodução, do tamanho de uma carta de baralho, da obra *Rosa e azul* de Renoir. A reprodução foi feita pela professora, uma cópia, posteriormente colorida, recortada, colada sobre uma carta de baralho e plastificada. A imagem tem vários usos, é peça de jogo, é cartão para circular entre os alunos, é referência de Renoir para a professora.

Na minha intervenção para destacar o objeto da pesquisa, colori apenas o cartão com a reprodução; entretanto, no cenário da sala de aula, o que investe sobre mim é a professora que fala. O que a fotografia revela? Quais questões ela provoca? O olhar para a fotografia leva a uma vastidão de reflexões. É um grito, uma pregação? É a arte entrando na escola? A professora será uma guerreira que levanta um escudo, a reprodução? A mão que levanta e mostra a imagem será imposição que assusta, será santidade que emana saber?



No âmbito da pesquisa sobre as imagens que as professoras usam na aula de arte, a foto dá visibilidade a uma revelação: o empenho da professora em criar materiais, em familiarizar seus alunos com artistas e suas obras. O que o jogo faz aqui é uma associação de nomes, identificação de artistas e

imagens, reproduções de obras bem divulgadas em livros, revistas, catálogos e outros meios. O jogo está distante de uma experiência com a obra, até mesmo porque se trata de uma reprodução. Neste aspecto, esta fotografia como resultado da pesquisa lança nova questão: as reproduções estão distantes de provocar a experiência da própria arte; entretanto, provocam a experiência reflexiva que a arte gera?

Eliot Eisner¹, ao tratar de critérios para avaliar produções artísticas como resultado de pesquisa pergunta se a produção, neste caso a fotografia, alcança o coração do problema. Considerando as perguntas elaboradas na pesquisa como o coração do problema, destaco-as:

Quais imagens professores de arte selecionam para apresentar aos seus alunos? Serão imagens de obras clássicas? Modernistas? Contemporâneas? Serão reproduções de obras encontradas em catálogos de exposições? Revistas? Livros de arte? Serão reproduções da arte européia? Datadas de determinada época? Serão reproduções da arte de distintos grupos étnicos? Serão reproduções de obras de artistas locais? Artistas reconhecidos pelas instituições? Serão imagens produzidas pela cultura visual? Qual a variedade de imagens que encontramos nas aulas de arte? Como as professoras utilizam as imagens em aula?

As fotografias respondem a estas perguntas. Nesta fotografia vemos que a reprodução usada como elemento de jogo didático origina-se em uma obra clássica, européia, culturalmente reconhecida e instituída. A imagem mostra a reprodução de uma obra distante do contexto artístico local, mas pode ser aproximada a outros temas por abordagens sobre os aspectos culturais, tais como vestiário, costumes, gênero.

¹ Elliot Eisner escreve que uma produção artística de *Arts-Based Educational Research* - ABER é elaborada para realçar significados, para estender, acrescentar e aprofundar conversações sobre a política e prática educacional. Considera importante quatro conseqüências específicas desta produção de pesquisa que são os seus critérios de avaliação: *Illuminating effect* – é a habilidade de revelar o que não tinha sido percebido ou observado. *Generativity* – é a habilidade de promover, é o caráter de gerar novas questões sobre o tema da pesquisa. *Incisiveness* – é a habilidade de “focar fortemente” nos objetivos e questões abordadas na pesquisa. *Generalizability* – é a relevância do fenômeno fora do texto da pesquisa.

Na análise das fotografias, considero o critério *illuminating effect* correspondente a responder à pergunta: o que revela? *Generativity* equivale a perguntar: o que produz? O critério *incisiveness* correspondente a responder à pergunta: o que aprofunda? E *generalizability* o item que pergunta: o que amplia?

Na minha presença no momento da foto, vivenciei a expectativa das crianças pela chegada da professora na sala de aula e sobre a atividade que seria realizada. Durante o jogo, a expectativa transferiu-se para cada carta de baralho que seria mostrada. Os alunos conversam entre si, perguntam qual é o artista. Vou marcar ponto? Qual será a obra? É importante destacar que muitos alunos referem-se às reproduções como o objeto de arte, como a própria arte. Este fato se apresentou repetidas vezes, embora as professoras destaquem sempre estar trabalhando com reproduções. A professora tira as cartas de baralho uma após a outra de dentro de uma caixinha por ela produzida. Surge uma variedade de nomes, tais como Salvador Dali, Frida Kalo, Modigliani, Michelangelo, para cada reprodução é dito o nome do artista que produziu a obra original, os alunos então procuram em uma cartela a cópia da imagem que é mostrada. A atividade é recreativa; porém, segundo os objetivos da professora, contribui para a formação de um repertório de reconhecimento, identificação de artista e obra. Esta atividade, que aqui comento isoladamente, atende ao objetivo de recreação e ao objetivo de memorizar nomes de artistas e suas obras mais divulgadas, ação que introduz os alunos a uma superficial identificação cultural. Assim como a professora se empenha em criar e diversificar os materiais e imagens para uso em aula, também tem sério empenho na aprendizagem dos alunos e na qualificação de suas ações. Nesta atividade, contudo, considero que não alcança o que se pretende na atualidade da arte/educação em termos de leitura e significação de conteúdos.

A fotografia da professora com uma carta de baralho que reproduz Renoir faz vinculações com outras discussões também pertinentes às questões educacionais. Embora a professora empenhe-se na ampliação da percepção crítica dos alunos, destacando no campo da visualidade os textos não-verbais, a fotografia nos remete ao predomínio da escrita que vigora na educação. No primeiro plano da foto temos a imagem na mão da professora, no segundo plano notamos que o quadro na sala de aula está escrito e que na parede há um cartaz com o texto dos “combinados” - são os termos de organização, convivência e respeito mútuo que cada turma elabora. O que quero enfatizar é que o pano de fundo para a professora e para a reprodução em sua mão pode ser mais forte e, mesmo que indiretamente, pode prevalecer sobre a imagem.

O desenho de Heidy de Assis Corrêa (1926-2001), artista que viveu em Florianópolis, é o foco da aula representada na próxima fotografia. A imagem apreciada em aula é uma reprodução publicada no livro *Hassis na Praça XV de Novembro*, no qual estão reproduzidos os painéis criados por este artista para o passeio da Praça XV e executados em *petit pavé* em 1965. O livro permite visualizar o conjunto deste trabalho que faz referência a temas da cultura local. Foi folheado pela professora, mostrando página por página aos alunos. Por alguns momentos ela circula entre as carteiras, enquanto conversa com os alunos, expõe informações sobre o artista. Responde a perguntas diversas sobre técnica, dimensões, sobre o tema dos desenhos e suas aproximações com o cotidiano dos alunos.

Quando invisto meu olhar sobre o campo da fotografia, o elemento *studium*² de Roland Barthes, esta mostra um ambiente de sala de aula, professora na frente dos alunos com a imagem em suas mãos. O quadro atrás da professora sugere novamente uma sala de aula convencional. Há texto verbal no quadro de giz.

O que a fotografia pode perguntar? Ou sugerir? O que revela sobre o objeto da pesquisa? Ao abordar a fotografia pautada pelas perguntas iniciais da pesquisa posso indicar algumas respostas. A imagem selecionada está em um livro publicado por órgão público municipal e distribuído em instituições culturais e de ensino. Considero que pode ser um conjunto de imagens acessíveis aos professores de arte, desde que o livro tenha possibilidade de

² Os elementos propostos por Roland Barthes, em seu interesse particular por fotos, tratam de uma co-presença, nomeiam uma dualidade: *studium* e *punctum*. Diz o autor que é pelo *studium* que ele se interessa por muitas fotografias. O *studium* é para ele o interesse humano, um afeto que determinadas fotografias despertam culturalmente. Sobre o *studium* lemos em Barthes (1984:45-46): “O primeiro, visivelmente, é uma vastidão, ele tem a extensão de um campo, que percebo com bastante familiaridade em função de meu saber, de minha cultura; esse campo pode ser mais ou menos estilizado, mais ou menos bem sucedido, segundo a arte ou a oportunidade do fotógrafo, mas remete sempre a uma informação clássica (...) É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias (...) pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*) que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações.” Continuando, encontramos um sentido para o segundo elemento proposto: “O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do *studium*), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à idéia de pontuação e em que as fotos que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mesmo mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas são precisamente pontos. (...) O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)”.

circulação nas instituições. É conhecido, e esta pesquisa comprova isto, que qualquer divulgação sobre uma exposição, livro, catálogo, folder, cartaz, cartões, matérias em jornais e revistas transformam-se em material didático. Todas as professoras entrevistadas possuem suas coleções de imagens procedentes de livros, cartazes, catálogos, cartões-postais, revistas. Encontrei estas coleções guardadas em caixas e pastas, por sua vez guardadas em prateleiras, junto aos seus livros ou dentro e sobre armários. As reproduções em dimensões maiores encontrei atrás de um sofá e sob um colchão.



Na qualidade de material didático, as imagens que reproduzem arte são meios de aprendizagem e estudo para as professoras e seus alunos. São recursos para determinado assunto ou objeto de ensino, não são o próprio objeto de arte. São suportes para atividades de ensino e conhecimento em arte considerando sempre a distância entre cor, textura, tamanho real e reproduzido; considerando, também, a distância entre a reprodução e a experiência viva em relação com a arte. São representações e são consideradas como tal pelas professoras. Em uma das entrevistas domiciliares, uma professora afirmou: *Minhas melhores reproduções, as maiores ou aquelas de ação educativa de exposições, eu não levo para a escola... para não estragar com todos os alunos pegando. É para eu olhar...* Entretanto, as

imagens estão sempre nas mãos das professoras, coladas no quadro, penduradas em varais. Em raras situações as reproduções feitas por instituições culturais circulam nas mãos dos alunos, exceto nos casos em que trabalham com livros de biblioteca, imagens de revistas ou trazidas por eles próprios.

Assim como esta fotografia revela um tipo de imagem e sua maneira de utilização em aula, indica também o uso de reproduções de obras de artistas locais. Trata-se de um artista que experimentou diversas linguagens, desenvolveu trabalhos em desenho, pintura, gravura, painéis e vídeo. Hassis é um contemporâneo, no sentido de ter vivido os dias atuais, porém sua produção mais divulgada, e por isso conhecida, é a pintura com cores e formas acentuadamente modernistas.

A fotografia alcança o coração da pesquisa, segundo os critérios de avaliação de Eisner, isto é, revela um tipo de imagem e seu uso; mas também gera novas questões e faz vinculações com outros temas. Quando a fotografia investe sobre mim, o elemento *punctum* da foto salta rapidamente. Ao meu olhar, dirige-se a página em branco, o dedo que segura a folha nem precisa indicar. Há um contraste que produz novas indagações.

A fotografia faz ficar o que logo depois pode desaparecer. A cena desta foto poderá não se repetir mais. Quando olho esta fotografia também olho a professora destacando a blusa que veste. Esta blusa com listras e esta página em branco formam uma cena que poderá não se repetir mais. No instante desta foto, em sala de aula, estava com a atenção em registrar informações para a pesquisa sobre as imagens usadas em aula. No momento de seleção das fotografias para discussão das questões da pesquisa meu olhar foi absorvido por um contraste. O colorido e linhas da confecção contrastam visivelmente com o catálogo sem cor, contrastam com a página branca. Tomo este acontecimento para discutir os vínculos que esta fotografia tem com elementos da cultura que as professoras levam para a sala de aula. Trata-se apenas de uma blusa colorida e uma página em branco, porém o contraste produzido no instante da fotografia faz ficar uma vinculação com temas da cultura visual.

A professora leva para a sala de aula mais do que um livro e imagens, leva sua própria imagem. Como citei anteriormente, “o professor se expõe visualmente, fazendo-se visto”. O contraste percebido na foto leva a reflexões sobre o que realmente mostramos em aula referente à arte, concepções de mundo e valores. Será a presença da arte no ensino uma página em branco, uma impossibilidade de relatos determinados, uma página aberta para a imaginação? Será a presença dos professores de arte uma figura marcante, repleta de estímulos visuais, uma figura preenchida de conteúdos determinados? Novamente a imagem fotográfica como resultado de pesquisa revela, produz, aprofunda, amplia reflexões.

Na foto que segue, o olhar da professora dirige-se para os alunos, provavelmente aqueles que estão mais distantes, pois logo à sua frente vejo três pequenas cabeças, quase fora da foto. São crianças, ainda pequenas. A professora chama a atenção para o desenho em sua mão. Novamente temos um dedo que indica uma imagem. Imagem e professora à frente de um quadro de giz onde se lêem nomes de profissões e outras palavras. É constante a presença do texto verbal como fundo para o que é imagem. É recorrente também a maneira como as professoras ocupam o espaço físico da sala de aula. Professoras em pé, alunos sentados. Professoras à frente do quadro de giz voltadas para os alunos, estes por sua vez, enfileirados e de frente para o quadro. As maneiras como as professoras se movimentam, a entonação da voz, o modo como falam, sentam, gesticulam e ocupam o espaço da sala de aula é determinante e denotativo de suas posturas em educação e ensino de arte.



A professora mostra um desenho produzido por um dos seus alunos em outra turma. No instante da tomada da foto, a professora enfatiza a maneira como toda a superfície do papel, dentro das margens, foi preenchida com lápis de cor. Considerando os critérios de avaliação para as pesquisas educacionais com base em arte – *Arts-Based Educational Research*, de Elliot Eisner, esta fotografia revela que as produções dos alunos também são objeto de apreciação, sendo que nem sempre predominam as reproduções de obras de arte entre as imagens que são dadas a ver.

Como resultado de pesquisa, a foto pode responder à pergunta sobre como as professoras utilizam as imagens em aula. Neste caso o desenho que é apresentado ao olhar das crianças é usado como referência para as novas produções, e também é mostrado como orientação para atender aos critérios de avaliação da professora para a atividade proposta – desenho com tema. Num pequeno espaço do quadro de giz, delimitado por dois traços, lê-se a data 5/6/07 e o título Meio Ambiente, escritos no início da aula de arte. Temas, datas comemorativas, ainda predominam sobre conteúdos específicos da arte? Há uma amplitude de assuntos e abordagens que o contexto atual da arte cria para as atividades de ensino. Entretanto, ilustrar temas como atividade expressiva desvinculada do âmbito dos saberes e experiências em arte pode não ser considerado como processo ensino-aprendizagem.

Continuando a investir no campo *studium*, nesta foto a professora usa uma blusa branca que faz fundo para o desenho em cor. Isto valoriza a visualização da imagem. Inverte-se a situação da foto antecedente, porém desta vez o realce que o desenho ganha perturba tanto quanto o contraste anterior. Será a possibilidade de produzir estereótipos sobre o desenho, a técnica em colorir, a possível discriminação de trabalhos de alunos?

A fotografia amplia a discussão para além das imagens que são apresentadas em uma aula de arte, atendendo ao critério de promover novas questões. Orienta para reflexões sobre a formação docente inicial e sua continuidade na vida profissional. Quantas vezes a aula de arte ainda é concentrada em desenhar em papel tamanho ofício? Para desenhar serão sempre necessárias canetas hidrocor, giz de cera e lápis de cor?

Das palavras escritas na aula anterior e deixadas no quadro, sobre o ombro esquerdo da professora lê-se: **esperança**. Esta é a imagem/palavra que salta da foto e investe sobre mim. Esperança é uma das emoções fundamentais, é expectativa da realização de sonhos, é confiança em conseguir o que se deseja. O que a professora deseja e sonha? Qual a esperança que as crianças vislumbram sobre os ombros da professora?

Referências

AGIRRE, Imanol. *Teorías y prácticas em educación artística*. Barcelona: Octaedro, 2005.

BARBOSA, Ana Mae (org). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BARONE, T e EISNER, E. (in press). Arts-based educacional research. In: *Complementary methods for research in education*. Washington,DC: American Educational Research Association. Obtido no site: www.fundarte.rs.gov em setembro de 2008.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DIAMOND, P. e MULLEN, C. *O educador pós-moderno*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

Currículo resumido

Maria Cristina Alves dos Santos Pessi

Possui Doutorado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes – ECA – USP (2009). Mestrado em Educação em Cultura (2001), Especialização em Arte-Educação (1988) e Graduação em Licenciatura em Educação Artística (1983) pela UDESC. É membro da InSEA – International Society of Education through Art – e da ANPAP – Associação Nacional de pesquisadores em Artes Plásticas.